

ENTREVISTA | FATIH AKIN

CINEASTA

'A Alemanha vive traumatizada pela culpa'

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Dono de um currículo invejável tanto para a Alemanha, onde nasceu e cresceu, quanto para a Turquia de seus pais, Fatih Akin consolidou sua reputação autoral como cineasta com o Urso de Ouro dado a "Contra a Parede", 22 anos atrás. Ampliou a fama com o Globo de Ouro entregue a seu "Em Pedacos" (2017), emendando um sucesso de bilheteria em sua pátria: "Rheingold: O Roubo do Sucesso" (2022). Sempre debruçado sobre as interseções culturais das nações que o formam, o diretor abre cicatrizes da II Guerra em "Uma Infância Alemã" ("Amrum"), um dos longas-metragens mais bem resenhados do Festival de Cannes de 2025. O filme acaba de estreiar por aqui, via Imovision. Seu enredo remonta aos últimos dias do conflito entre o Eixo e os Aliados, quando o menino Nanning (Jasper Billerbeck), de 12 anos, enfrenta o mar traiçoeiro para pescar e trabalha na fazenda próxima para ajudar sua mãe (Laura Tonke) a sustentar a família. Apesar das dificuldades, a vida na ilha de Amrum quase parece um paraíso. Aquele Éden é visto sob a ótica de um garoto que cresceu sob a ideologia do III Reich, no início dos anos 1940, sem saber das atrocidades cometidas por seu país sob o cabresto da SS. Agora, um segredo de família há de abalar a frágil paz do canteiro idílico onde ele vive.

Nesta entrevista ao Correio da Manhã, em Cannes, Akin, hoje com 52 anos, faz um balanço geopolítico do passado germânico e de sua identidade artística.

O título original de "Uma Infância Alemã" é o nome da ilha onde a trama se passa, Amrum, o que abre uma reflexão acerca do quanto a sua narrativa personifica aquele espaço. O quanto aquele cenário insular é um coprotagonista?

Fatih Akin - Sempre que se filmou uma ilha... ou que se escreveu sobre uma, como se lê em "Robson Crusoe", o espaço geográfico vira um tema e ganha um simbolismo icônico ligado ao isolamento. Crusoe, por exemplo, encontrava em seu ambiente um dilema de sobrevivência na luta contra a fome. No romance "O Senhor das Moscas", William Golding faz de uma ilha uma instância para uma reprodução paradoxal da sociedade ocidental que conhecemos. O que eu busco, com uma ilha, é demarcar uma fronteira espacial entre diferentes grupos populacionais da Alemanha e criar uma metonímia simbólica daqueles que se isolaram de todos os valores humanos ao se bandearem para a dimensão insular do nazismo.

Existem limites para um cineasta alemão falar do nazismo?

A Alemanha vive traumatizada pela culpa. Apesar disso, ela apoia Israel em seu armamentismo. De certa forma, "Uma Infân-

cia Alemã", ao falar de despertar, parte do passado para fazer um alerta sobre o que vivemos agora.

Qual é o maior aprendizado que essa mirada infantojuvenil sobre a II Guerra lhe trouxe?

A percepção de que humanos são capazes de gerar horrores uns entre os outros.

Você vive na Alemanha, em Hamburgo, onde nasceu, e filma parte de sua obra num retrato da vida germânica (como em "O Bar Luva Dourada") e parte no olhar sobre a realidade turca, que retratou em cults como "Do Outro Lado", pelo qual recebeu o prêmio de Melhor Roteiro em Cannes, em 2007. O que te identifica como alemão?

Filmar na Alemanha, com a liberdade que filmo, é a minha definição de ser alemão. Se eu tivesse satisfeito com o país de onde venho, não seria cineasta. Filmo para reagir, sem o desejo de retomar caminho que já percorri. Até o início dos anos 1990, mesmo com toda a segregação que vivemos na II Guerra Mundial, você não poderia se considerar alemão, mesmo nascendo na Alemanha, se o seu sangue não fosse germânico. E o meu sangue é turco, assim como parte da minha identidade, que



BetaFilm Bombero International

“Filmar na Alemanha, com a liberdade que filmo, é a minha definição de ser alemão. Se eu tivesse satisfeito com o país de onde venho, não seria cineasta. Filmo para reagir”

se formou vendo melodramas da Turquia na TV e vendo um VHS de "A Fúria do Dragão", com Bruce Lee, dublado em alemão. Nesse caldo cultural, eu me criei. A TV alemã da década de 1980 exibia um programa que se chamava "40 Anos Atrás...". Por meio dele, ali em 1981, 82, a minha geração informou-se do que se passou no Holocausto, embora o distanciamento histórico fosse pequeno.

Como se deu a descoberta de Jasper Billerbeck, seu jovem ator, e a criação de Nanning?

Não busquei atores mirins

para o elenco e, sim, crianças que tivessem conexão de berço com a natureza, com a experiência de crescer entre abelhas. Quando vi o teste de Jasper, gostei da timidez dele. Pensei: "Essa será a minha escolha". Desenvolvi estratégias na direção para soltá-lo... e deu certo.

De que forma a figura de Hark Bohm (1939-2025) pavimentou "Uma Infância Alemã"?

Ator e diretor que integrou elencos em alguns filmes de Fassbinder, Hank foi meu professor e era meu amigo. Esse projeto

era dele. Sua obra como cineasta, pouco conhecida hoje, era muito atenta à infância. Ele me procurou, já no fim da vida, sem condições de filmar o argumento, e me disse: "Eu estou te oferecendo a minha história". Minha empresa, a Bombero, precisava de um projeto, à quela época, e eu acabei assumindo a realização.

Quais são seus próximos projetos?

Há um filme sobre a diáspora turca em preparação e um documentário sobre um cantor turco a caminho.